



**ARTIGO DE REVISÃO**

## **Infância negada\***

*Sheyla Maria Borowski<sup>a</sup>*

<sup>a</sup> Mestrado (coordenadora). Porto Alegre, RS, Brasil.

**Instituição:** ESIPP

### **Resumo**

O objetivo deste ensaio é analisar questões referentes às transformações atuais da infância, para buscar compreender o perfil da infância, sua relação com a cultura, as mudanças históricas e as tendências para os próximos tempos. A concepção hipermoderna de infância forma uma sociedade com incertezas, insegurança e ansiedade. Ao se borrar a fronteira entre a condição do infantil e do adulto, transforma-se também a condição da criança na cultura. Corre-se um risco de se criarem crianças como novos adultos em miniatura. Por isso, neste momento de grandes inovações científicas e tecnológicas, torna-se fundamental uma atitude de reflexão crítica e profunda, por parte da sociedade, sob forma de participação ativa nessa nova construção da infância, a fim de não perdermos alguns dos valores essenciais já conquistados, mas sim de agregá-los.

**Palavras-chave:** Criança; Psicoterapia; Cultura.

---

\* Apresentado na mesa-redonda *Infância e adolescência hoje*, na XXVII Jornada Sul-Rio-Grandense de Psiquiatria Dinâmica (CELG), realizada em Canela, nos dias 11, 12 e 13 de setembro de 2014.

## Abstract

The purpose of this essay is to analyze issues relating to current childhood transformations, seeking to understand the profile of childhood, its relation to culture, the historical changes and trends for the near future. The hypermodern design of childhood forms a society with uncertainty, insecurity and anxiety. By blurring the boundary between the condition of the child and the adult, also turns up the child's condition in culture. It runs the risk of creating new children as miniature adults. Therefore, in this time of great scientific and technological innovations, it is essential a critical and profound reflection attitude on the part of society in the form of active participation in this new construction of childhood in order to not lose some of the core values already conquered but to aggregate them.

**Keywords:** Children; Psychotherapy; Culture.

## Introdução

*Ao Benjamin e à Sophia*

Meu propósito com este ensaio é problematizar algumas questões referentes às transformações atuais da infância, em uma tentativa de compreender como se delineou o perfil do que é infantil, sua relação com a cultura e as tendências para os próximos tempos.

Os conceitos de infância e adolescência são determinados socialmente, como categorias sociais, historicamente construídas. Assim, a ideia de infância não existiu sempre da mesma forma, pois cada época tem a sua própria maneira de considerar o que é ser criança.

Na Antiguidade, por exemplo, Platão se preocupou com uma educação física e moral da criança, mas, até a Idade Média, não existiu na sociedade ocidental uma consciência da particularidade infantil. A criança era considerada um adulto incompleto, inoperante e incapaz.

Aristóteles entendia a infância como um período do homem equivalente a uma doença, sendo, portanto, a criança um ser necessitado de cuidados. Ele alertava que as crianças precisavam ser educadas para alcançarem a *virtude, status* de indivíduos, já que seriam incapazes de usar seu próprio raciocínio para chegarem a isso. Assim, na antiga Grécia, durante os primeiros sete anos de vida, essa educação ficava inteiramente a cargo da família, considerada o primeiro lugar de socialização do indivíduo, portanto, o regulador de sua identidade física, psicológica e cultural. A autoridade paterna fornecia os códigos da moral e da ética.

Os romanos foram os que começaram a estabelecer uma conexão entre a noção de *vergonha* e a criança em crescimento. Na medida em que foi sendo desenvolvida a noção de vergonha moralista,

ocorreu a necessidade de a criança ser protegida dos segredos dos adultos, sobretudo os referentes à sexualidade. Assim, foi-se desenvolvendo a ideia de que as crianças, em sua individualidade, além de proteção e cuidados, necessitavam de escolarização.

Já na Idade Média, a religião judaico-cristã influenciou durante séculos a cultura ocidental, passando a conceber a criança, por um lado, como um ser malvado e inferior, que necessitava ser salva pelo batismo, porém também ingênua e inocente, por outro. Isso revelava uma falta de clareza quanto ao entendimento da infância e da natureza infantil.

No Renascimento, o pensamento humanista construiu uma nova e dinâmica concepção de homem, passando a entender a criança como um ser que deverá ser regulado, adestrado e normalizado, inicialmente na família, para alcançar a maturidade de um convívio social.

A “invenção” da infância, como tal, é atribuída a Rousseau<sup>1</sup> (1712-1772), que a considerou como uma idade autônoma e dotada de características específicas, diferentes das que são próprias da idade adulta.

Afirma Rousseau<sup>1</sup>:

Não se conhece a infância: com as falsas ideias que dela temos, quanto mais longe vamos, mais nos extraviamos. Os mais sábios apegam-se ao que importa que saibam os homens, sem considerar que as crianças se acham em estado de aprender. Eles procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que esta é, antes de ser homem (p. 6).

Em seu livro *Emilio*, Rousseau<sup>1</sup> modifica a visão da infância, com a premissa de que a criança teria um mundo próprio, com características diferentes em cada fase de seu desenvolvimento, e seria dotada de desejos e sentimentos. Ele destaca a liberdade como a base sobre a qual essa criança deve ser educada, cabendo ao adulto entendê-la. Elabora uma pedagogia que estimula a autenticidade e naturalidade da criança e sua inocência em oposição ao mundo adulto, pervertido pelas convenções sociais.

Esse modelo básico de educação deveria substituir o tradicional, no qual, em nome do progresso, o intelecto é desenvolvido prematuramente, em detrimento dos instintos. Os pais deveriam lidar com os filhos através de uma educação que levasse em conta a liberdade (antinomia), mas também os limites (heteronomia). Logo, a criança precisa ser acompanhada e orientada por um preceptor, desde que esse não lhe tolha o desenvolvimento natural, respeitando o seu crescimento em um ritmo lento e aprendendo sem pressa, no tempo certo. O papel do preceptor é o de retardar o mais possível esses aprendizados (ao longo da vida), de modo a evitar qualquer antecipação perigosa. Ele irá permitir que a criança viva o quanto puder a própria infância, que Rousseau<sup>1</sup> define como a *idade da alegria e da liberdade*.

Assim, até Rousseau, não havia infância. A criança era considerada um adulto em miniatura, a ser tratado por padrões adultos; vestia-se com roupas de adultos e aprendia coisas de adultos, apesar de ser considerada incompleta e incompetente. Através das artes e da literatura, percebemos que os trajes das crianças medievais eram os mesmos dos adultos. Também chama muita a atenção a ausência de brinquedos.

Por volta do final do século XVIII – então, a partir de Rousseau<sup>1</sup> – intensificou-se a tendência a ver a educação a partir da natureza da criança, de seus instintos, de suas capacidades e tendências, em oposição aos padrões e às normas impostos pela sociedade. A criança passou a ter maior importância dentro da família, no ambiente íntimo. Fica mais clara a necessidade de atenção e de cuidados, devido a sua natureza frágil, física e emocional, e não mais por “*incompetência*”.

Chegando ao início do século XX, as teorias freudianas sobre a natureza do homem e as etapas universais do desenvolvimento da criança reconfiguram toda a ideia existente sobre a infância; havia uma infância antes de Freud e há outra após Freud<sup>2</sup>. Nosso olhar sofreu uma abertura de sentidos sobre *quem somos, o que nos move e como nos tornamos adultos*, bem como foi reconhecida a importância dos primeiros anos de vida para a nossa estruturação subjetiva. A partir de então, a psicanálise abriu um leque de conhecimentos sobre a mente humana, colocando, de maneira enfática, a primeira infância como as fundações da constituição psíquica. Contribuiu, assim, dramaticamente, para definir a importância de uma infância bem desenvolvida, em todas as etapas necessárias, para se formarem sociedades equilibradas.

Teóricos da psicanálise, da sociologia e da educação se ocuparam, desde então, largamente, em compreender e descrever a infância, destacando suas características, diferenciadas do período da adolescência e da maturidade, apontando suas problemáticas e seus desafios. Eles propiciaram, assim, um alargamento na compreensão da natureza infantil. Ouso dizer que talvez nunca tenha havido, na história da humanidade, até o século XX, um período em que a criança merecesse tamanho interesse e destaque, como sendo fundamental na construção da civilização.

O século XXI, no entanto, começa desconstruindo esses paradigmas e, indubitavelmente, está sendo marcado por profundas e aceleradas transformações de *toda ordem*. A concepção do que é infância igualmente se modifica, de forma acelerada, desde as suas bases, dissolvendo as características anteriormente descritas e compreendidas.

Em minha concepção, a era atual – chamada de *hipermoderna*<sup>3</sup> – caracteriza-se por uma sociedade *adultocêntrica*, marcada por paradoxos, em uma espécie de volta às origens pré-históricas de uma *infância negada*, pré-rousseauianas, quando as crianças eram consideradas adultos em miniatura. As etapas do desenvolvimento infantil, descobertas e descritas por Rousseau – e, depois, aprofundadas pela psicanálise –, agora tendem a se *borrar*; aqui, a área intelectual volta a ser a área novamente privilegiada pelo mundo adulto, em detrimento da instintividade da criança.

Digo sociedade *adultocêntrica* porque hoje cresce o número de crianças que se parecem com os adultos, às vezes de forma bizarra. Elas são, portanto, *roubadas* em etapas importantes de seu desenvolvimento. A sociedade atual tem pressa de que as crianças cresçam. Basta ver que elas mal nascem e já estão sendo separadas de suas mães, para serem cuidadas diariamente em instituições, ficando por muitas horas distantes dos pais e da família. São-lhes impostas demasiadas renúncias de necessidades essenciais, tais como a larga dependência emocional das funções maternas, bem como de tempo livre para brincar de *imaginar*, de *faz de conta*, protegidas em seus “ninhos”. O incremento da ilusão e da fantasia, por exemplo, através do *brincar espontâneo* – condição necessária para os processos criadores – está dando lugar ao desenvolvimento de habilidades e conhecimentos automáticos, massificantes e de caráter confuso quanto ao que é *real* e ao que é *faz de conta*; ao que é essencial e ao que é descartável.

A mídia, por exemplo, se utiliza do apelo ao consumo e do arrebatamento pelo olhar para, através de imagens e sons, ditar as “regras” a uma população passiva e incauta, fazendo surgir uma geração altamente consumista e perversa. Segundo Adorno<sup>4</sup>, na *indústria cultural*, tudo se torna negócio. Os meios de comunicação utilizados – tais como a TV, o rádio, a internet, o cinema, jornais e revistas – transmitem às crianças noções equivocadas de diversão e arte. Ao se imporem ao universo das crianças, acabam gradativamente com seu significado infantil, levando-as a uma inserção prematura no mundo dos adultos, gerando “necessidades” e “verdades” que não pertencem à natureza delas.

Crianças são naturalmente atraídas pela diversão e, nesse mundo da *indústria cultural*, diversão e consumo interagem de forma concatenada, pois suas finalidades são *consumo*, *alienação*, *massificação*, *rotulação*, condicionando para a *falta de opiniões próprias*, em favor da *opinião midiática*. O espaço, antes destinado à criação, é preenchido demasiadamente por desenhos animados, videogames e outros brinquedos técnicos e eletrônicos. A diversão, pois, gera consumo e cria outra identidade à infância.

Postman<sup>5</sup> nos leva a refletir sobre a erotização precoce das crianças e a crescente participação infantojuvenil nos índices de criminalidade, que ele entende como sendo sinais alarmantes de que a infância pode estar desaparecendo. De fato, não se observam mais, com tanta clareza, marcas que lembrem um mundo infantil separado do mundo dos adultos. Basta ver o modelo das roupas infantis, os hábitos alimentares, seu padrão linguístico, a profissionalização prematura de esportistas e modelos, o fim das velhas brincadeiras infantis, atitudes mentais e emocionais das crianças, bem como a sexualização precoce permeando desde as brincadeiras até as próprias histórias infantis. Enfim, o comportamento, a linguagem, as atitudes, os desejos e até mesmo a aparência física de adultos e de crianças estão se tornando cada vez mais indistinguíveis.

No Brasil, a influência da mídia foi se tornando muito poderosa em virtude de um sistema educacional precário (aqui se incluem pais, professores, programas escolares, etc.), que possibilita que a TV e a internet tenham a autoridade *soberana* de informar, educar e *distrain*, sem um público capaz de criticá-la.

Um simples exemplo de papel de autoridade da TV é o personagem criado pela TV Tupi, na década de 60, com o *slogan* “já é hora de dormir, não espere mamãe mandar...”, em resposta a cartas de pais que reclamavam da dificuldade de colocar os filhos na cama. Esse tipo de preocupação contrasta com as atuais programações infantis, que vão ao ar 24 horas por dia, ininterruptamente, e que chegam a lares fragilizados pela falta de autoridade e de convicção por parte de pais cansados e pouco presentes.

Em poucas décadas, o anterior “já é hora de dormir...” deu lugar ao *slogan* “FIQUE LIGADO, VOLTAMOS JÁ!”. Além disso, vemos imagens e músicas de conteúdo sexual, pervertendo a infância com linguagens e gestos obscenos, ou de caráter antissocial, aplaudindo criancinhas “engraçadinhas” que os repetem orgulhosamente, sem a menor consciência de seus significados.

Quando conseguimos refletir sobre *como* caminha a humanidade, ficamos estarecidos com o grande paradoxo que caracteriza a sociedade hipermoderna: de um lado, um altíssimo e rápido avanço tecnológico, que facilita a vida e permite grandes desenvolvimentos e conhecimentos científicos; de outro, um enorme retrocesso nos costumes e valores que fundam uma sociedade equilibrada ética e moralmente.

Eu diria que essa é uma **era dos paradoxos**, que nos coloca de forma confusa, sem paradigmas, em desafios para os quais não estamos preparados. Precisamos criar, a todo o momento, reiteradas e rápidas soluções, que, no entanto, no momento seguinte, já não servirão mais...

Tenho observado que nossas estratégias de comunicação simbólica – por décadas utilizadas nas análises infantis –, mais especificamente os brinquedos, falham, em geral, devido à pobreza de interesses por parte das crianças. Elas são bastante curiosas, mas o interesse pelos brinquedos é imediato e disperso. A preferência recai nos jogos eletrônicos ou nas brincadeiras de ação, mas nota-se que é uma *ação pela ação em si*, sem um conteúdo que denote um sentido mais profundo; carece de uma história, de um enredo. Ou seja, é uma ação para *descarga*, sem um *final* feliz, ou a necessária *vitória do bem sobre o mal*. Enfim, as crianças já não se interessam mais pela nossa “velha” caixa cheia de brinquedos, recurso terapêutico por excelência nos tratamentos até então. Diante disso, nos vemos, muitas vezes, impotentes, como terapeutas, tendo de improvisar recursos comunicativos que nos permitam acesso ao inconsciente.

A infância atualmente, eu penso, se caracteriza muito pela incerteza, pela insegurança e, sobretudo, pela *agitação*, paralelamente ao exercício de muitas atividades e ao gozo efêmero das coisas. É inquietante o número crescente de crianças que se apresentam com um comportamento ansioso e hiperativo, grande parte das vezes diagnosticadas e medicadas erroneamente como portadoras de transtornos de ansiedade e transtorno de desatenção e hiperatividade (TDAH).

Nos consultórios, deparamo-nos com uma crescente pobreza simbólica, como referi anteriormente, em crianças que já não sabem brincar de faz de conta, que *agem* mais do que *pensam*, que *imitam* mais do que *criam*, que *falam* mais do que *sonham*. Não, não creio que sejam mais inteligentes do que as do passado, apenas estão mais expostas a todo o tipo de informação e, para processá-las, despendem uma enorme energia.

Por certo que crianças precocemente adultas impressionam e até encantam em um primeiro momento, por sua linguagem rica, por habilidades e informações adquiridas e acumuladas. Não raro são motivo de orgulho por parte dos pais. Porém, grande parte delas impressionam também pela fragilidade de seus vínculos, por denotarem uma frágil autonomia, artificialmente adquirida, parecendo, às vezes, “ocas” de significados profundos e duradores. Estamos em uma era de fluidez de afetos, tal como denominou Bauman<sup>6</sup>, referindo-se a uma *sociedade líquida*<sup>6</sup>, em que nada é feito para durar; os relacionamentos escorrem pelas mãos, por entre os dedos, feito água. Nada retém uma forma por muito tempo. Assim como os líquidos, tudo está em constante modificação, em contraste com uma sociedade sólida de 40 ou 50 anos atrás.

Concordo com Bauman<sup>6</sup> de que os valores que a nossa cultura ocidental até então estabelecera como os mais nobres e elevados cada vez mais se diluem, como a água que escorre de nossas mãos, sem que sejamos capazes de detê-la. O problema de pertencer a uma sociedade com essas características é que não se consegue diagnosticar ou prever como reagir a novas situações ou crises, daí um sentimento de insegurança pela incapacidade de tomar medidas de precaução; tornamo-nos indefesos e reféns da incerteza. É nesse estado que se encontram os pais, os educadores e os que se ocupam com crianças. Os acontecimentos em geral nos tomam de surpresa, a planificação do futuro nos desafia em nossos hábitos e costumes, os caminhos são sempre muitos e não se pode perder nenhum; quer-se todos.

Assim, a educação passa a ser mais um *produto* do que um *processo*. Os conhecimentos não precisam mais ser úteis para *toda* a vida, mas devem conter noções de usar e descartar, devem ser cambiáveis; ou seja, estamos diante de uma educação líquida! O consumismo desses tempos não se define pela *acumulação* das coisas, mas sim pelo *breve gozo* delas, já que se considera abominável o gasto de tempo.

Gosto da metáfora utilizada por Carr<sup>7</sup>, quando diz que estamos virando pessoas *panquecas*, que sabem de tudo, mas não sabem de nada, uma vez que só vamos até a terceira linha dos textos que lemos na internet. Nesse processo, estamos abrindo mão de coisas muito importantes, que são os valores, a sabedoria, a profundidade, o tempo. Estamos o tempo todo na urgência! Nós nos expandimos, mas de forma superficial. Penso que isso também vale para os vínculos, que são muitos (infinidade de “amigos” virtuais, por exemplo), mas *superficiais* e *descartáveis*, através de um simples gesto de clicar no *ligar* ou *desligar*.

Parafraseando Bauman<sup>6</sup>, eu diria que a hipermodernidade está concebendo uma infância *líquida*, que nega à criança as condições de segurança e estabilidade emocional, condição necessária para uma personalidade madura, equilibrada e capaz de vínculos estáveis e profundos.

Os pais, uma vez perdidos e sem parâmetros, apelam para os psicólogos e para as escolas, na esperança que esses construam a educação e a formação de seus filhos. As escolas, por sua vez, sobrecarregadas no acúmulo de funções, sentem-se na necessidade de uma constante revisão de seus sistemas educativos e incapazes de fornecer um paradigma no qual se fundar.

Estou fortemente inclinada a pensar que a concepção hipermoderna de infância tende a formar uma sociedade tal cuja imprevisibilidade seja fonte geradora de incertezas, insegurança e ansiedade. Ao se borrar a fronteira entre a condição do infantil e do adulto, transforma-se também a condição da criança na cultura. Corre-se um risco de se criar uma infância efêmera e superficial – novos adultos em miniatura – que nos conduza à formação de uma espécie de cultura *panqueca líquida*.

Por isso, nesse momento de grandes inovações científicas e tecnológicas – em que a condição humana segue em uma *vertiginosa liquefação*<sup>8</sup> – torna-se fundamental uma atitude de reflexão crítica e profunda por parte da sociedade. Tal reflexão deve resultar em uma participação ativa de cada um nessa nova construção da infância, a fim de não perdermos valores essenciais já conquistados e, ainda, agregando os novos conhecimentos sobre uma fase da vida tão fundamental.

## Referências

1. Rousseau JJ. *Emilio ou da educação*. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro; 1973. (Original publicado em 1762).
2. Freud S. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud S. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago; 1976. (Original publicado em 1905).
3. Lipovetsky G, Charles S. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolle; 2005.
4. Adorno T, Horkheimer M. *Dialética do esclarecimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1986.
5. Postman N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial; 1999.
6. Bauman Z. (2004). *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2004.
7. Carr N. *A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir; 2010.
8. Bauman Z, Donskis L. *Cegueira moral – a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar; 2014.

## Correspondência

Sheyla Maria Borowski

Rua Vasco da Gama, 585/501, bairro Rio Branco

90420-111 Porto Alegre/RS

[sheylaborowski@gmail.com](mailto:sheylaborowski@gmail.com)

Submetido em: 22/12/2014

Aceito em: 19/02/2015